

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)10 abr 2017 | O Globo | antonio.gois@jeduca.com.br ANTÔNIO GOIS

A idade certa

Maioria das crianças mais ricas já está alfabetizada aos 6 anos, enquanto entre as mais pobres o percentual é de apenas 38%

Antes da notícia sobre a retirada dos termos “orientação sexual” e “identidade de gênero” da terceira versão do texto da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), o tópico mais destacado nas reportagens sobre o documento foi a definição de que os alunos devem estar plenamente alfabetizados até o final do 2º ano do ensino fundamental, portanto aos 7 anos de idade. É uma mudança de enfoque em relação ao Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, que estabelece que a idade máxima para que todas as crianças estejam alfabetizadas seja os 8 anos, portanto ao final do 3º ano do ensino fundamental. O tema gera sempre discussões acaloradas entre educadores brasileiros, com um dos grupos argumentando que o certo seria esperar que a alfabetização ocorresse até mesmo antes dos sete, e outro entendendo que isso desrespeitaria o ritmo de desenvolvimento de cada criança, além de levar a um processo de escolarização precoce.

DE FATO, hoje há muita variação na idade em que as crianças são alfabetizadas no Brasil. E isso está altamente relacionado com o nível socioeconômico das famílias. O indicador mais preciso para medir isso é a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA), exame aplicado pelo MEC a crianças do 3º ano do ensino fundamental. Um levantamento feito pelo movimento Todos Pela Educação nos resultados de 2014 mostrou que, entre crianças de famílias com renda mensal inferior a um salário mínimo, apenas 25% apresentavam o nível adequado em leitura. Já entre crianças de famílias com renda superiores a sete salários mínimos, o percentual chega a 95%. Pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do IBGE, também é possível ter um indicativo dessa desigualdade, com a importante ressalva de que o dado é bem menos preciso, por ser investigado a partir da simples resposta dos pais. Tabulação feita pela coluna mostra que, aos 6 anos de idade, 70% das crianças em famílias com renda média mensal domiciliar per capita superior a um salário mínimo já estavam alfabetizadas. Já entre crianças de famílias onde esse mesmo tipo de renda é inferior a ¼ de salário mínimo, o percentual é de apenas 38%. Aos 7 anos de idade, o percentual entre as famílias mais pobres sobe para 65%. Entre as mais ricas, porém, já está em 92%. Aos 9 anos de idade, quando 100% das crianças mais ricas já estão alfabetizadas, entre os mais pobres ainda restam 11% de analfabetos.



Pode haver divergências no país sobre métodos ou estratégias para melhor alfabetizar todas as crianças. O que não podemos é encarar como naturais essas desigualdades. _____ Em resposta ao fato de ter retirado da BNCC menções a identidade de gênero e orientação sexual, o MEC divulgou nota afirmando que “em momento algum as alterações comprometeram ou modificaram pressupostos como a valorização da diversidade sem preconceito de origem, etnia, gênero, convicção religiosa ou de qualquer natureza”. Sendo assim, para que não pareça qualquer dúvida em relação ao entendimento do óbvio — o de que cabe à escola educar para que vivamos numa sociedade sem preconceitos desse tipo —, bastaria uma retificação, voltando a incluir explicitamente esses termos no documento enviado ao Conselho Nacional de Educação. É inacreditável que, em pleno século XXI, ainda existam setores que reajam à afirmação de que cabe à escola promover o respeito ao outro (o que nada tem a ver com apologia), sem preconceito em relação à orientação sexual.

Impresso e distribuído por NewspaperDirect | www.newspaperdirect.com, EUA/Can: 1.877.980.4040, Intern: 800.6364.6364 | Copyright protegido pelas leis vigentes.

[Notícia anterior](#)[Próxima notícia](#)